

ONESTALDO DE PENNAFORT

Théophile Gautier
PREFÁCIO AOS ESMALTES E CAMAFEUS

Durante a guerra, erguendo a lira,
Goethe, ao som do canhão brutal,
fez o *Divan Occidental*,
oásis fresco onde a arte respira.

E a Shakespeare como prefira
Nisamí, banhado em santal,
Goethe, num metro oriental,
nota o canto que Hudhud suspira.

Como Goethe em Weimar queria
isolar-se das cousas vis,
desfolhando as rosas de Hafiz,

surdo ao furacão que esfuzia
e fustiga as vidraças, eu
faço um *esmalte* e um *camafeu*.

Théophile Gautier
A ARTE

Sim, a obra sai mais bela
do árduo trabalho adverso,
seja ela
mármore, esmalte ou verso.

A afetação recusa!
Para andares direito,
ó Musa,
calça um coturno estreito.

Foge ao ritmo usado
que, de tão fácil, é
calçado
que serve em qualquer pé.

Deixa a argila, estatuário,
que entre os dedos esmagas,
se, vários,
com o espírito divagas.

E luta com o carrara
e o páros – pedra dura
e rara
em que a forma se apura.

Ou toma a Siracusa
seu bronze em que, flagrante,
se acusa
o heril traço elegante.

Num veio de onicolo,
que a tua mão sutil
de Apolo
esmerilhe o perfil.

Pintor, fuge a aquatinta
e fixa, antes, a cor,
qual pinta,
com o fogo, o esmaltador.

Foge a glauca sereia
que a cauda em contorsões
meneia,
e os monstros dos braços;

no seu nimbo trilobo,
a Virgem e o Jesus;
o globo
tendo por cima a cruz.

Tudo passa. A arte é eterna,
quando forte em verdade.
A herma
sobrevive à cidade.

E a medalha enterrada
que pelo lavrador
é achada,
mostra um imperador.

Nem mesmo os deuses duram;
porém, quando são tersos,
perduram,
mais do que o bronze, os versos.

Cinzela, esculpe, lima;
que o sonho evanescente
se imprima
no bloco resistente!

Guillaume Apollinaire
SALOMÉ

Para que uma vez mais João Batista sorria,
Senhor, eu dançarei melhor que um serafim.
Mãe, porque estais imersa em tal melancolia,
vestida de condessa e ao lado do delfim?

Meu coração, só de escutá-lo, quando eu vinha
dançar junto ao funchal, batia angustiado.
Eu lhe bordara lírios numa bandeirinha
destinada a flutuar no alto do seu cajado.

E agora, para quem farei lírios bordados?
Seu bordão refloresce às margens do Jordão.
Vieram prendê-lo, ó Rei Herodes, teus soldados,
e em meu jardim lírios murcharam desde então.

Vinde todos comigo, além, sob os quincôncios...
Não chores mais, lindo bufão de reis;
em vez do tirso, empunha esta cabeça e dança!
Mãe, sua frente fria está. Não lhe toqueis.

Senhor, ide na frente e que a guarda nos siga.
Abriremos um fosso e nele o enterraremos
entre flores, e, em roda, em torno dançaremos,
dançaremos até que eu perca a minha liga,
o rei a tabaqueira, a infanta o seu rosário
e o cura o seu breviário...

Charles Baudelaire
O ALBATROZ

Às vezes, em recreio, os homens da equipagem
pegam um albatroz, enorme ave marinha
que segue, companheiro indolente de viagem,
o navio que sobre o atro abismo caminha.

Mal no convés se vê, todo desconjuntado,
logo esse rei do azul, em passos desiguais,
como dois remos, põe-se a arrastar a seu lado,
desajeitadamente, as asas colossais.

Esse alado viajor, como é grotesco andando!
Ei-lo horrível e inerte, ele que antes pairava!
Um chega-lhe o cachimbo ao bico, e outro, coxeando,
arreda no andar o pobre que voava!

O poeta é o albatroz que nas nuvens se espraia,
que ri dos vendavais e afronta as setas, no ar;
exilado no solo, em meio ao riso e à vaia,
sua asas de gigante impedem-no de andar.

Charles Baudelaire
CIGANOS EM VIAGEM

A profética tribo, ontem, de olhos ardentes,
pôs-se em marcha, ora sobre o dorso carregando

os filhos, ora ao seu apetite entregando
o farto manancial das maminhas pendentes.

A pé, os homens, sob as armas reluzentes,
junto ao carro que leva os seus, vão caminhando,

os olhos pelo céu soturnos passeando,
a evocar tristemente as quimeras ausentes.

Vendo-os passar, do seu arenoso recanto,
ao longe, o grilo dobra o monótono canto...
E Cibele que os ama exagera as verduras,

faz manar o rochedo e florir o deserto
ante os viajores, para os quais esplende aberto
o império familiar das ténbras futuras.

Charles Baudelaire
CONVITE PARA VIAGEM

Meu amor, procura
sonhar a doçura
que seria a vida ali!
Amar com lazer,
amar e morrer
num país que é igual a ti!
Os sóis orvalhados
desses céus turvados
teriam o mesmo encanto
dos teus misteriosos
olhos enganosos
brilhando através do pranto.
Lá tudo é ordem, sutileza,
calma, volúpia e beleza.
Os móveis polidos,
com o tempo brunidos,

nosso aposento ornariam.
As mais raras flores,
mesclando os odores,
ao âmbar se mesclariam.
Suntuosos tetos,
espelhos secretos
e o esplendor oriental,
tudo falaria
à alma e ciciaria
na sua língua natal.
Lá tudo é ordem, sutileza,
calma, volúpia e beleza.
Nos canais, vadios,
olha esses navios
cujo destino é errabundo.
É para que vejas
tudo o que desejas
que eles vêm do fim do mundo.
O sol, no poente,
com tons de ouro quente,
os canais, toda a cidade
e os campos garante.
A terra adormece
à tépida claridade.
Lá tudo é ordem, sutileza,
calma, volúpia e beleza.

Seleção de traduções publicadas na seção “Sob a vinha alheia”, do livro *Poesias*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954.

